

O PATHWORK COMO UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL PELO OLHAR DO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE: UMA VISÃO INTEGRAL DE SER HUMANO

Mariela Ballardin Oliveira de Queiroz ¹

Nedio Seminotti ²

¹Psicóloga, Especialista em Gestão em Saúde. Mestre em Psicologia Social/PUCRS. Porto Alegre, RS. Brasil. E-mail:

²Doutor em Psicologia. Professor do PPG em Psicologia, PUCRS, Pós-Doutorado na Universidad Rey Juan Carlos de Madri - Espanha (2011), Coordenador do Grupo de Pesquisa “Processos e Organizações dos Pequenos Grupos”. Porto Alegre, RS. Brasil. E-mail:

RESUMO: O Pathwork é uma abordagem para o autoconhecimento desenvolvida pela integração dos aspectos físico, mental, emocional, espiritual e social do ser humano. A espiritualidade, neste estudo, é compreendida como vivenciada, presente no cotidiano e permeando o desenvolvimento pessoal. Baseado no pensamento sistêmico complexo, o objetivo desse estudo é compreender a relação entre grupos de Pathwork, espiritualidade e desenvolvimento pessoal, para seus participantes. É uma pesquisa qualitativa, baseada no método de Morin. Foram realizadas entrevistas abertas com sete participantes do Pathwork. A discussão dos resultados concentrou-se em quatro organizadores: Espiritualidade Integral; mudanças desencadeadas pelo processo de autoconhecimento; emergentes do/no grupo; noções organizadoras do Pathwork. A concepção de Espiritualidade Integral se deu como um veículo para o autoconhecimento e transformação pessoal, sendo integradora de todos os demais níveis do sistema.

Palavras-chave: Complexidade. Espiritualidade. Sistema de sistemas.

1 INTRODUÇÃO

Os grandes progressos da humanidade se devem aos avanços científicos, porém o crescimento pautado na valorização de aspectos objetivos e racionais, resultou na desvalorização de aspectos intuitivos, emocionais e espirituais (CAVALCANTI, 2004). A reflexão presente neste estudo baseia-se na necessidade de (re)integração e (re)ligação, dentro da própria ciência, do que foi por ela separado: a ênfase no desenvolvimento intelectual esqueceu a natureza emocional e espiritual humana

(CAPRA, 2003; MORIN, 2008, 2010).

Para Happé (1997), é preciso haver a tomada de consciência sobre uma responsabilidade pessoal e social perante o que Capra (2003) chama de “teia”, a qual denota um sentido de conexão entre todos os seres vivos, ligando-nos a tudo e a todos. A consciência dessa ligação, a partir do autoconhecimento e da (re)conexão com a essência espiritual, pode levar a um caminho de união dos aspectos físico, mental, emocional e espiritual, separados pela dualidade do paradigma cartesiano da física clássica (PIERRAKOS, 1996b).

O anseio por um estado mais satisfatório de consciência é inerente ao ser humano. Mediante a percepção de que esse estado de bem-estar e/ou satisfação interna (PIERRAKOS, 1996b; S. THESENGA, 1997) não é conquistado somente por bens materiais, realizações profissionais, ou mesmo relacionamentos, a atenção volta-se para dentro, emergem questionamentos sobre o propósito de vida, o que é a verdadeira felicidade e como fazer para alcançá-la (S. THESENGA, 1997). Essas questões podem impulsionar a busca por caminhos de autoconhecimento que levarão ao (re)conhecimento de questões psicológicas e espirituais.

O Pathwork é uma abordagem que propõe o desenvolvimento desse caminho de volta às questões da essência espiritual do ser humano, promovendo crescimento pessoal (S. THESENGA, 1997). Ele enfatiza a necessidade de autoaceitação da dualidade interna, e conceitualmente, está baseado no material que Eva Pierrakos canalizou desde 1955 até morrer, em 1979 (PIERRAKOS e SALY, 2007; PIERRAKOS e D. THESENGA, 1997). Canalização, para Stone (1994), é um fenômeno pelo qual são recebidas informações não provenientes do pensamento consciente. No caso de Eva Pierrakos, esse fenômeno se deu por meio da voz: palavras que não provinham da sua consciência, mas de uma entidade espiritual (ROTMIL, 2010). Realizado nos Estados Unidos, Europa e América do Sul, o Pathwork oferece aconselhamento e programas de ensino por meio de profissionais habilitados – facilitadores ou *helpers* – que passaram por um extenso programa de formação e desenvolvimento (PIERRAKOS e SALY, 2007; PIERRAKOS e D. THESENGA, 1997; S. THESENGA, 1997).

As palestras – conteúdo teórico deste trabalho – tratam de aspectos da alma que serão acessados não somente por meio da leitura, mas através de um trabalho interior que ultrapassa a compreensão intelectual do assunto, pois, para que ocorra o desenvolvimento pessoal, deve haver predisposição a um profundo mergulho interno,

desencadeado pela teoria e vivenciado por meio de exercícios práticos que permitirão alcançar os níveis físico, mental, emocional e espiritual de cada participante. “*O autoexame possibilita o acesso a novas camadas da psique (...), que, libertadas, estarão aptas a absorver os (...) ensinamentos*” (PIERRAKOS e SALY, 2007, p.6).

Além das concepções de *eu inferior*, *eu superior* e *máscara* (S. Thesenga, 1997) outras noções também são fundamentais nesse trabalho: *autorresponsabilidade*, *autoconfrontação* e *aceitação da própria condição* (PIERRAKOS, 1996a, 1996b, 1996c, 1996d, 1996e, 1996f, 1996g).

A autorresponsabilidade é um requisito básico para um processo de desenvolvimento pessoal genuíno, em que o ser humano se responsabiliza pela sua trajetória e pelas decisões realizadas ao longo do caminho. A autoconfrontação é baseada no contato com todas as partes do ser, buscando perceber e conhecer o que lhe é desconhecido. É assim que a aceitação interna pode começar a acontecer (PIERRAKOS, 1996g).

Como já referido, os conceitos são trabalhados em todos os níveis, de maneira que não é suficiente que a *autorresponsabilidade*, *autoconfrontação* e *autoaceitação*, por exemplo, sejam realizadas somente no nível mental, já que o intelectual, por ser bastante desenvolvido pela humanidade, é eficiente em criar racionalizações, as quais, muitas vezes, são defesas contra a verdadeira aceitação (PIERRAKOS, 1996c). Com isso, um trabalho que alcance o nível físico, pelas sensações e consciência corporal; o emocional, por meio da identificação e vivência dos sentimentos; e o espiritual, por meio da conexão com a essência interior divina, traz a possibilidade de experientiação e vivência desses conceitos. Dessa forma, o participante do Pathwork leva para o contexto do trabalho as próprias experiências cotidianas e é ajudado a analisá-las e experimentá-las novamente, sob a ótica das concepções apreendidas (S. THESENGA, 1997).

A aceitação da própria dualidade é um dos passos dessa trajetória, através da compreensão do “eu inferior”, ou lado escuro da natureza interior. As ideias do Pathwork demonstram o pressuposto de que o ser humano, além de ser parte do todo universal constituído pela força vital, também se constitui de defeitos e imperfeições (PIERRAKOS, 1996a, 1996b, 1996c, 1996d, 1996e, 1996f, 1996g).

S.Thesenga (1997) explica que cada pessoa é, na realidade, muitos seres, existindo simultaneamente em muitos níveis de consciência. Ao mesmo tempo em que isso causa confusão, também contribui para o encontro de sentido nas muitas aparentes

contradições coexistentes dentro de nós. Esses vários *eus* interiores frequentemente se contradizem, numa complexidade interna de crenças, atitudes e sentimentos (Morin, 2010).

Já que essas partes jamais serão eliminadas, cada sujeito tem a liberdade de escolher entre continuar a reprimi-las ou trazê-las à luz da consciência, o que resultará em maior conhecimento das próprias atitudes, crenças, desejos e contradições internas (PIERRAKOS, 1996g).

Por um pensamento que diferencia e une baseado no aporte teórico do qual emerge a visão integral de ser humano sustentado no pensamento sistêmico complexo (CAPRA, 2003; MORIN, 2008, 2009; VASCONCELLOS, 2003), lançamos um olhar implicado na problematização do resgate de valores humanos sustentados na (re)conexão com a essência espiritual. Espiritualidade é concebida, neste estudo, como a sensação de que somos parte de um sistema complexo (universo), pelo qual somos também responsáveis (HAPPÉ, 1997). Utilizamos a ideia de espiritualidade vivenciada, que permeia atitudes e relações intra e interpessoais e concebe que viver bem diz respeito à disposição de experienciar a essência de nós mesmos, juntamente com a sensação de ligação com a sociedade e a natureza das quais fazemos parte (SOLOMON, 2003).

O objetivo deste estudo é compreender a relação entre grupos de Pathwork, espiritualidade e desenvolvimento pessoal, para seus participantes. Para responder a tal objetivo, elencamos alguns específicos: identificar os motivos pelos quais os participantes buscaram os grupos de Pathwork; conhecer a noção de espiritualidade dos participantes dos grupos de Pathwork; analisar os efeitos dos grupos de Pathwork no desenvolvimento pessoal dos participantes.

Observamos que durante o transcórrer do trabalho, a primeira pessoa do plural (nós) expressa uma construção realizada pelas interações da pesquisadora com o orientador, e quando o sujeito é colocado na primeira pessoa do singular, expressa as vivências da pesquisadora.

2 MÉTODO

2.1 DELINEAMENTO

O Pensamento Sistêmico, proposto como um novo paradigma da ciência, engloba os pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade (VASCONCELLOS, 2003). O pesquisador é sistêmico quando se vê implicado no

mundo em que vive, amplia o foco de sua observação, permitindo um pensamento integrador, inclui a si próprio na observação e concebe o dinamismo dos fenômenos que ocorrem em determinados contextos (MORIN, 2009; VASCONCELLOS, 2003).

A Complexidade traz a possibilidade de um diálogo a partir do *entre*, a partir de um método que, ao invés de ocultar, conceba as emergências, que vá além da simplificação, mas que fomente as articulações, as interdependências, e a própria complexidade. Esse novo paradigma concebe um todo organizado, de partes distintas, que se relacionam por meio de interações, retroações, inter-retroações, que se organizam e formam sistemas complexos (MORIN, 2008, 2009, 2010).

A definição de método, para Morin (2008), constitui-se como uma trajetória que o pesquisador percorre e vai construindo ao longo do percurso. É onde o observador deve ser integrado à observação, já que é parte de uma cultura, de um contexto social, não podendo ficar isento diante do objeto de análise.

A realização desse estudo foi permeada pela incerteza, já que a complexidade é um convite à reforma do pensamento (MORIN, 2009). Não encontramos ideias fechadas, e sim o desafio de se permitir transitar por um processo de ordem, desordem e organização, sustentado por uma estratégia, mas com propostas de significação e compreensão tecidas pela trajetória (MORIN, 2008).

Morin (2008, 2009, 2010) propõe o método não como um ponto de partida, mas como uma construção que o pesquisador realiza durante a trajetória da pesquisa. Fica-se, assim, aberto para o que for que surja no percurso, sem se render a regras ou a expectativas, rejeitando-se uma teoria unitária, o que sintetiza e totaliza. A pesquisa qualitativa busca compreender e lidar com as interpretações das realidades sociais (BAUER & GASKELL, 2002). Aqui, entendemos os grupos de Pathwork como ambientes sociais, como próprio dinamismo da vida individual e coletiva e suas interações.

2.2 ESTRATÉGIAS PARA COLETA/PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Os participantes da pesquisa foram seis integrantes de grupos de Pathwork e a presidente da Associação do Pathwork RS/SC na época de realização da pesquisa. Esta última foi escolhida como participante referência para coleta e validação do estudo, por ter sido precursora na abordagem do Pathwork na região Sul (desde 1990) e uma das primeiras profissionais a desenvolver esse trabalho no Brasil. Yin (2005) indica como uma estratégia para validação dos dados a solicitação de revisão de um rascunho do

relatório de análise e compreensão das informações ao informante-chave, nomeado aqui *participante referência*.

Os critérios para escolha dos entrevistados foram: ser participante de um grupo de Pathwork e ter ingressado nesse grupo há no mínimo dois anos (sem interrupção). A escolha dos participantes deu-se por conveniência.

Para coleta dos dados e construção do *corpus* de análise, foram realizadas entrevistas abertas, sendo uma entrevista com cada participante. As mesmas foram gravadas e transcritas após a anuência dos participantes, com garantia de sigilo e anonimato. As entrevistas abertas partiram de quatro grandes temáticas: *Significado do Pathwork para os participantes; O Grupo de Pathwork na visão dos participantes; Noção de espiritualidade para os participantes; Transformações pessoais percebidas – atribuídas ou não ao Pathwork*.

O Diário de Campo constituiu-se também numa importante estratégia para produção e compreensão das informações. Lá, como pesquisadora, expressei os passos do percurso, os sentimentos despertados, as dificuldades, o vai e vem do pensamento, as interações, as descobertas produzidas no e pelo caminho, seja pela dúvida, pela incerteza ou até mesmo pelas renúncias necessárias.

2.3 ESTRATÉGIAS PARA ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Num primeiro momento de análise emergiram cinco eixos temáticos: *Dimensão Física; Dimensão Emocional; Dimensão Mental; Dimensão Espiritual; Dimensão Social*. O próprio Pathwork refere-se à constante relação e integração de quatro dimensões inerentes ao ser humano: física, mental, emocional e espiritual, mas não se refere ao que é produzido nas e pelas relações oriundas dos grupos de Pathwork – o que seria a dimensão social. O aspecto social compõe o *entre* os seres humanos, aquilo que a psicologia social busca problematizar, juntamente com outras configurações.

Percebíamos ainda a necessidade de revisitação das entrevistas, e o fizemos, com espaços para novos meios de significação, sem excluir as possibilidades prévias, mas promovendo articulação com as novas emergências. Foi assim que uma nova configuração se apresentava e já trabalhávamos com o conceito de *organizadores* (ALVES, 2010; ALVES; SEMINOTTI, 2006; MORIN, 2009). Nesse momento, o aspecto ou dimensão espiritual adquiriu uma compreensão mais ampla, no sentido de permear todas as outras. Entendemos esse aspecto como um organizador mais abrangente, chamando-o *Espiritualidade Integral* (THESENGA, 1997; WILBER,

2007). Os demais organizadores surgiram como organizadores desse organizador. São eles: *Mudanças desencadeadas pelo processo de autoconhecimento; Emergentes do e no grupo; Noções organizadoras do Pathwork*.

Após a realização das etapas descritas acima, foi enviado à participante-referência, um rascunho da análise, compreensão e das informações, no intuito de obter sua impressão a respeito do conteúdo produzido.

3 ANÁLISE, COMPREENSÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 ORGANIZADOR: ESPIRITUALIDADE INTEGRAL

A sensação e o estado de espírito trazidos pela leitura das palestras do Pathwork são específicos para cada participante e, ao mesmo tempo, permeados pela sua noção de espiritualidade. Para alguns, a leitura do material, por este ter sido canalizado, possibilita uma conexão com esse canal, muitas vezes referido como a conexão com a fonte, ou o Deus interior:

(...)toca num nível mais profundo (...) é muito vivencial. (...) tu trazes o teu dia a dia para o trabalho, e a recíproca é verdadeira (...)
(Renate -Participante Referência).

O entendimento de espiritualidade é expresso pela noção de Deus como um poder ou uma energia maior que está à disposição de todos; como uma consciência superior; como a própria vida e a confiança na própria capacidade criativa, de estar em verdade consigo mesmo e com a vida.

(...) o Guia fala sempre nas leis espirituais: 'você não respeita a lei da gravidade, então por que não respeita a lei de pagar o preço?' (...) E hoje eu já tenho a concepção e hoje eu vivencio isso, Deus está aqui dentro (Artur).

Com exceção da participante-referência, foram adotados nomes fictícios ao nos referirmos aos participantes da pesquisa.

Observamos que o sentido espiritual está presente no processo de desenvolvimento pessoal, embasando e permeando o trabalho de autoconhecimento. Encontramos o que Solomon (2003) aponta em relação à “espiritualidade naturalizada”, ou vivenciada, como um encontro de sentido nas próprias experiências.

Uma visão integradora em relação a diversas abordagens é colocada pelos participantes. Eles não hesitam em agregar outras perspectivas no caminho de autoconhecimento, desde que sintam a contribuição para o seu processo de desenvolvimento pessoal. *"(...) [o Pathwork] consegue aceitar, que se existe outra dinâmica que possa agregar no teu caminho, ela é bem vinda"* (Clarisse).

Assistimos aí ao exercício da integração de disciplinas, teorias, filosofias e/ou pensamentos (MORIN, 2008, 2010) na vivência de quem busca beber de diversas fontes, desde que estas tragam sentido e correspondam aos anseios do sujeito. Quem migra para uma transdisciplinaridade é o próprio sujeito, articulando cada uma das fontes no exercício de seu próprio desenvolvimento e no daqueles com quem ele se inter-relaciona, produzindo relações recursivas (MORIN, 2009).

Wilber (2002), a partir de um modelo de psicologia integral que propõe a integração de todas as áreas do conhecimento (ciência, filosofia, arte, ética e espiritualidade), também concebe a noção de espiritualidade integral, onde o processo de cura se dá a partir da relação entre corpo, mente, alma e espírito, aspectos que constituem o que chama de espiral de cura (p.111), também integral.

A consciência da responsabilidade perante a própria vida e pelas relações que o sujeito estabelece é expressa em uníssono, assim como a clareza sobre os conceitos apreendidos no Pathwork. Os participantes demonstram esse entendimento em todos os níveis do ser, uma compreensão que vai além do intelectual, e aparece como um aprendizado vivenciado, suportado por uma crença em algo espiritual e, por isso, integral. *“(...) nós somos misturados, tudo faz parte da nossa essência espiritual”* (Artur).

Essa crença em algo maior, que une, que sustenta, que (re)liga, possibilita o exercício de conceitos como autoaceitação, autoconfrontação e autorresponsabilidade. A dimensão espiritual aparece de maneira explícita – através do conceito de Deus e/ou noção de espiritualidade – ou implícita nos relatos, levando à percepção de que permeia o próprio trabalho do Pathwork, assim como todos os aspectos da vida dos entrevistados: *“(...) o chamado da minha alma que aquele era o caminho (...) buscando entender melhor os anseios da alma”* (Clarisse).

A espiritualidade parece transpassar as relações, de forma a contribuir com o autoconhecimento. Alguns participantes estão ligados a alguma religião, mas sua crença no espiritual transcende as religiões, como observado nas falas a seguir: *“Eu consigo encontrar a espiritualidade no Pathwork, na religião católica, no espiritismo. Eu consigo encontrar espiritualidade em todos os lugares e em todas as religiões”* (Clarisse), *“espiritualidade, para mim, é a vida, estar em inteireza comigo”* (Graça). Ao estabelecermos relações com outras pesquisas (COSTA et al, 2008; PERES, SIMÃO & NASELLO, 2007; PERES & MOREIRA-ALMEIDA, 2009), percebemos que a

vivência da espiritualidade não se restringe ao bem-estar religioso, estando implicada numa busca de compreensão e significado na vida, o que remete à sensação de encontro de sentido.

Percebe-se que o Pathwork, ao mesmo tempo em que foca as relações interpessoais, propicia o contato com as experiências do cotidiano e o sentimento por elas provocado. O Pathwork está sustentado pela noção de integração e pertencimento a algo maior, que é o universo e o espiritual. *“O espiritual transcende a questões ligadas ao ego (...), é o que está além de nós, que nos liga a algo maior”* (Graça).

Falar em leis espirituais (PIERRAKOS, 1996h) parece ajudar no embasamento espiritual dos entrevistados. Com isso, podemos nos referir ao que Wolman (2002) entende por Inteligência Espiritual, concebendo inter-relação entre o nível intelectual, mais referido neste estudo como aspecto mental, e o nível espiritual. Desse modo, observamos a contribuição dessa inteligência espiritual no entendimento de situações difíceis para os entrevistados, como, por exemplo, rompimentos bruscos no curso da vida, a morte repentina de alguém querido, uma separação ou doença:

(...) hoje eu entendo a parte espiritual da ida dela... Não entenderia se o Pathwork não estivesse na minha vida. Sempre eu iria colocar a minha revolta em alguns momentos da minha vida se não fosse o Pathwork... (Beatriz).

A noção de “autorresponsabilidade” pode ser observada no trecho acima, onde o sujeito busca compreender a situação e responsabilizar-se pelo seu enfrentamento e pela mudança. Essa compreensão de responsabilidade pela própria condição também é encontrada em Brenann (1987), Cavalcanti (2000) e Happé (1997), que atribuem ao ser humano, enquanto ser espiritual, a capacidade (criativa) de co-criação da realidade, sugerindo que a consciência dessa capacidade poderá levar a criações positivas nas relações com os sistemas que nos constituem: sociedade/cultura/natureza/universo.

A busca pelo Pathwork deu-se, em alguns casos, em situações de sofrimento intenso, em que outros caminhos já haviam sido procurados na tentativa de aliviá-lo: *“(...) eu não encontrava aquele acolhimento que eu estava buscando”* (Clarisse). Em outros casos, houve uma busca consciente de um caminho que atendesse à demanda de preenchimento ou de acolhimento à sensação de vazio interno.

Um viés espiritual no movimento de procura e/ou encontro com a abordagem do Pathwork pode ser identificado se nos embasarmos nas pesquisas realizadas por Peres et

al (2007), que observam que a espiritualidade fundamenta a busca pessoal de uma compreensão maior sobre o significado da vida.

Descrito como um “*caminho de autoconhecimento*” (Beatriz), “*um norte na minha vida*” (Graça), “*um caminho sem volta*” (Artur) ou “*caminho de assumir a responsabilidade pela própria vida e pelas próprias criações*” (Renate – P.R.), o Pathwork é reconhecido como parte da vida. Sua aplicação prática traz a possibilidade de entendimento das situações cotidianas, de “*purificar sentimentos*” (Graça), perpassando as fronteiras do momento de encontro nos grupos.

As resistências internas à entrega a um trabalho de autoconhecimento como o Pathwork também são percebidas pelos participantes. Por ser um caminho de autoconfrontação que demanda o encontro com partes ou aspectos internos não tão agradáveis de serem conhecidos, os participantes reconhecem que é preciso uma disponibilidade interna para que a compreensão se expanda, alcançando a vivência integral de cada um.

3.1.1 Organizador: Mudanças desencadeadas pelo processo de autoconhecimento

A consciência dos próprios sentimentos, pensamentos e motivos desencadeadores de comportamentos leva à revisão e/ou mudança gradual de valores na vida. À medida que o conhecimento de si aumenta, ele repercute no entorno, na sociedade:

(...) o que é importante na vida é esse trabalho de autoconhecimento, não é o cargo que eu exerço, isso é coisa do ego! Aí eu percebi qual o objetivo que tinha por trás de eu querer ser juiz, eu queria o poder (Artur).

Importante observar que o caminho do autoconhecimento não apresenta um final, uma conclusão, mas podemos compreendê-lo como um percurso permeado pela complexidade. As novas descobertas continuam, e, juntamente com elas, a consciência de que muitas outras estão por vir, como um processo constante e contínuo, já que o mistério de ser humano reside nesse movimento, guiado pelo anseio inerente de saber o que lhe é desconhecido (Agostinho, 1994). A esse movimento, podemos atribuir a noção de ordem/desordem/organização (Morin, 2009).

A consciência das próprias distorções (termo utilizado pelos entrevistados) e das principais questões relacionadas ao desafio de crescimento e desenvolvimento pessoal é desenvolvida de maneira integral nos níveis mental, emocional, físico e espiritual: “a

gente vai fazendo a repetição das nossas dores da infância, e a gente fica muitas vezes sem sair dessa repetição” (Graça).

Olha, sobre a hipertensão, eu percebi, num dos trabalhos do Pathwork: isso está associado à morte do meu pai. (...) eu tinha 7 anos, então (...) eu vi que, se eu relaxar, algo de ruim vai acontecer. (...)hoje essa hipertensão reduziu muito (Artur).

O relato acima nos permite observar a consciência da influência do aspecto emocional no físico, proporcionando um alívio nos sintomas. Essa compreensão ocorre a partir de um trabalho que abrange todos os aspectos, não somente o mental, no que diz respeito ao entendimento, mas uma compreensão mais profunda, que envolve o contato com os sentimentos e as reações corporais desencadeadas pela situação vivenciada, conforme o relato e o contexto da entrevista.

A contribuição do Pathwork é percebida para obtenção de clareza e entendimento das situações vivenciadas, incluindo, talvez principalmente, as situações difíceis. Os participantes reconhecem seu esforço e disposição para contatar as próprias dificuldades, os “*aspectos distorcidos*”. Esse seria outro ponto de destaque no Pathwork: o contato com a negatividade interna, passo fundamental para o entendimento dos motivos que levaram a pessoa a criar determinada situação, por exemplo.

Uma terceira questão destacada é a aceitação de si, da sua realidade, do que se é, da própria negatividade, das próprias qualidades, de todos os aspectos que compõem o sujeito:

(...) tão óbvio, tão difícil e complexo! Porque, primeiro, a gente passa a maior parte do tempo querendo (...) ser só uma parte do que somos e negando a outra. (...) esse é um caminho de buscar as partes que a gente negou, confrontar-se com elas e aceitá-las (Renate – P.R.).

Existe o entendimento de que as experiências de vida levam as pessoas ao encontro das feridas que precisam ser curadas. Esse entendimento faz com que aceitem o que a situação traz e busquem o aprendizado nela existente. Os entrevistados relataram que, no passado, frente a situações semelhantes, teriam reagido de forma diferente e o sofrimento seria maior. Demonstram, assim, que a ampliação da consciência e do conhecimento de si possibilita-lhes a realização de escolhas e que a escolha atual é uma escolha consciente de enfrentar a situação e todos os sentimentos difíceis, toda a negatividade que encontrarem nela, pois poderiam decidir não enfrentar.

“A gente no Pathwork é convidada a ficar em profundo contato com a realidade externa” (Flávia).

Como essa escolha implica dedicação e enfrentamento com sofrimento, com o reviver de situações difíceis e contato com aspectos internos não tão agradáveis, todos reconhecem que o bem-estar, a harmonia nos relacionamentos e a tranquilidade interna são coisas realmente conquistadas após e durante um percurso de entrega e vontade de transformar-se. Isso seria consequência da escolha de responsabilizar-se por si mesmo e por seu caminho, com aceitação do que for encontrado nesse percurso: *“(…) talvez um dos princípios que propicia a cura é a aceitação. (...) eu acho que é um dos atributos principais desse processo” (Flavia).*

Nota-se o desenvolvimento pessoal acontecendo como uma busca interna para a consciência de si mesmo, dos princípios e valores, das congruências e incongruências pessoais (COVEY, 2002), como uma investigação interna fundamentada nas próprias atitudes, pensamentos, sentimentos e crenças. Os resultados serão transformações pessoais percebidas em todos os níveis (MAGALHÃES, 2008), além de repercutirem no aspecto social, por meio das relações com o entorno (BRENNAN, 1987).

A expressão “orgânico” ilustra os relatos desse processo, no sentido de que ele vai acontecendo em todos os níveis do ser (mental, emocional, físico, espiritual e social), sem mudanças bruscas, de forma gradual e específica a cada organismo.

O autoconhecimento proporciona o desenvolvimento de aceitação da vida e das dificuldades apresentadas, com maior possibilidade de entender o outro. As mudanças comportamentais são reconhecidas pelo entorno, que muitas vezes reage com estranhamento, já que isso desorganiza o sistema. Por exemplo, alguém cujo comportamento era pautado na evitação de confronto e posicionamento, com a mudança, pode desestabilizar certa organização existente ou aparente. Colocamos em relação o princípio da autonomia/dependência, assim como a noção de ordem/desordem/organização (MORIN, 2009, 2010), com esse processo de transformação pessoal, que transborda para/nas relações e interações dentro e fora do grupo.

A vontade de mudar aparece nas entrevistas sob a forma de disposição para a transformação, incluindo a consciência de que o que será encontrado não serão somente partes saudáveis, mas também as negatividades, as distorções. Estas serão transmutadas a partir de um movimento de clareza e aceitação, com a consciência de que elas são

apenas uma parte do todo, que é o organismo. Novamente, o princípio da dialógica (MORIN, 2009, 2010) traz a convivência de questões antagônicas e complementares, o que o Pathwork chama de dualidade interna (PIERRAKOS, 1996b).

3.1.2 Organizador: Emergentes do/no grupo

Os participantes relatam a consciência de suas resistências, a percepção de quando não estão dispostos a entrar em contato com aspectos internos que se apresentam no decorrer do trabalho. Tal resistência pode aparecer, por exemplo na própria dificuldade de acessar sentimentos: “(...) *não é um caminho de flores. A gente passa por situações difíceis, por momentos de um sofrimento muito grande*” (Clarisse).

O não aprofundamento pode ser uma escolha (consciente ou não) quando se participa de um grupo de Pathwork. Por ser um trabalho em grupo, a pessoa pode continuar frequentando e escolhendo não se aprofundar, o que, em determinado momento, pode tornar-se consciente e até mesmo vir à tona por meio do grupo.

A concepção de que somos seres sociais dotados de corpo, mente/pensamento, sentimento/emoção, espírito/alma, faz-se presente e permeia os relatos. Isso conversa com a noção de que o ser humano, como parte do todo (sociedade/universo), é um ponto no holograma (MORIN, 2009), levando em sua singularidade toda a vida e toda a humanidade; ao desenvolver-se, está contribuindo como desenvolvimento de seu entorno (BRENNAN, 1987).

Ao referirem-se ao grupo, os participantes demonstram respeito e comunhão com ele. Sentem-se contribuindo com o processo de desenvolvimento e autoconhecimento dos demais componentes e reconhecem que as interações do e no grupo possibilitam maior clareza em relação aos próprios aspectos nebulosos, confusos e/ou desconhecidos:

(...) *o fenômeno grupal, para mim, foi aprender, experimentar, me colocar e me expor perante um grupo (...) o que um sente (...), a dor de um é a mesma dor do outro, a identificação com os temas, com os momentos de vida* (Denise).

Percebemos conteúdos emergentes grupais, oriundos das interações entre os participantes, promovendo desordem no sistema grupo, que se organizará novamente, num processo constante, contribuindo para o processo de desenvolvimento pessoal de cada participante desse grupo (ALVES e SEMINOTTI, 2006).

O grupo de Pathwork aparece como um ambiente acolhedor e seguro para que o exercício de exposição pessoal aconteça. “ (...) *O fato de me sentir pertencendo (...) faz toda a diferença*” (Flávia).

O grupo também é referido como um ambiente de multiplicação de saberes, proporcionada pela confiança gerada e construída pelas partes e sustentada por uma conexão com o que é espiritual em cada um dos membros e no universo: “*se não fosse o Pathwork, eu estaria bem desconectada desse algo a mais. Eu atribuo muito essas vivências coletivas e meditações a essa conexão*” (Denise).

A percepção de que existe a necessidade de uma mudança de paradigma é observada na fala: “*somos seres emocionais, então, deveríamos aprender isso na escola*” (Artur). Isso vem atrelado a um senso de pertencimento social – “*eu sou parte de tudo isso que eu condeno*” (Artur) –, que colocamos em diálogo com o que vislumbra Morin (2010) sobre a necessidade de a reforma no ensino começar nas séries iniciais. Segundo essa visão, a compreensão deveria ser ensinada e fomentada entre as crianças, que se tornariam adultos mais educados emocional e socialmente.

3.1.3 Organizador: Noções organizadoras do Pathwork

O Pathwork é referido como uma possibilidade de integração de diversos conhecimentos, fornecendo, a partir de uma base teórica, embasamento para que a complexidade humana expressa nos conceitos seja aplicada de maneira simples e prática.

Assim, é possibilitado o contato com o momento presente e suas repercussões em todos os níveis do ser, sem perder a conexão com o passado, depositário de situações desencadeadoras de crenças articuladoras da personalidade.

A maneira de aplicação do Pathwork, referida como simples e prática, não deixa de ser profunda. É justamente essa configuração, de trabalho vivencial, referida como um dos pontos de destaque, que leva ao aprofundamento e conseqüente fortalecimento da relação intrapessoal no enfrentamento das questões cotidianas.

Um conteúdo emergente nas entrevistas foi a articulação do Pathwork com outros meios convergentes no autoconhecimento, como processos psicoterápicos. Os participantes parecem transitar de forma bastante tranquila entre a psicologia e a abordagem do Pathwork, fazendo eles mesmos a conexão dentro de suas experiências pessoais. É como se a técnica não tivesse tanta importância quanto o resultado obtido. Um dos entrevistados disse que, apesar de seu terapeuta divergir de muitos aspectos

propostos pelo Pathwork, o trabalho em conjunto (Pathwork e Psicologia) foi fundamental no seu processo de desenvolvimento pessoal.

Essa questão pode ser novamente relacionada com a problematização da fragmentação das disciplinas, feita por Morin (2009) e Vasconcellos (2003). A proposta da transdisciplinaridade mostra-se como um caminho onde ideias, conceitos e teorias atravessam duas ou mais disciplinas, que se articulam em prol de sua aproximação e contribuição para a resolução dos problemas da sociedade.

Ainda nesse diálogo, os entrevistados compreendem a complementaridade do Pathwork e da Psicologia. O próprio grupo é visto como um “acelerador” do trabalho individual, pelas emergências por ele desencadeadas.

Atribuímos às três noções citadas pelos participantes – *Autorresponsabilidade*; *Contato com a Negatividade*; *Aceitação* – o conceito de organizadores do sistema Pathwork. Elas se relacionam entre si e dependem umas das outras para que a transformação aconteça.

Autorresponsabilidade denota que a mudança da própria realidade só pode ser conduzida a partir da consciência da responsabilidade perante a própria vida, a partir da conscientização de que cada um é co-criador de sua própria realidade – e isso implicará o contato com a “*sombra*” (Renate – P.R.). Os entrevistados reconhecem que esse não é um caminho de fácil percurso, pois, na medida em que escolhem responsabilizar-se pela própria vida, encontram aspectos negativos (sentimentos, experiências, desejos) a serem encarados. Trazemos o princípio da dialógica (MORIN, 2009, 2010) para vislumbrar, neste momento, um processo ambíguo e complementar vivenciado pelo sujeito através do encontro com os próprios aspectos negativos e positivos.

(...) se a gente realmente, enquanto helper, se apropria desse conceito de que nós criamos a nossa própria realidade, nós não entramos na ‘história fantástica’ dos nossos clientes. Para mim, esse é o ponto fundamental! (Renate – P.R.)

A fala acima demonstra um exemplo do exercício da autorresponsabilidade na atuação dos profissionais do Pathwork. Embora não seja esse o foco deste estudo, observamos a importância de esses profissionais também vivenciarem um processo de autoconhecimento para que possam ser verdadeiros “ajudantes” do processo de outras pessoas. *Helper*, do inglês = ajudante. Termo que indica o profissional do Pathwork que realiza a abordagem individualmente ou em grupo. Já o Facilitador, é habilitado somente para condução de grupos de Pathwork.

As experiências que ilustram a trajetória do autoconhecimento e consequente transformação pessoal são sempre sustentadas pelas ideias teóricas do Pathwork. Isso permite compreender que existe um aprendizado vivencial, que não somente estuda os conceitos, mas os apreende a partir das sensações físicas, dos pensamentos, dos sentimentos, da conexão espiritual, e essa experiência leva à transformação real. Essa questão é crucial nesse processo vivenciado e expresso pelos participantes, remetendos novamente ao entendimento de uma visão integral, em que as interconexões dos aspectos mental, emocional, físico, espiritual e também social produzem o aprendizado, a ampliação de consciência, o autoconhecimento e, por fim, as mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autoconhecimento trabalhado a partir das concepções do Pathwork demonstra desencadear uma ampliação da autopercepção seja por meio dos sinais do corpo, das emoções, dos pensamentos, das sensações e/ou das reações emocionais relativas ao externo. Esse processo passa por um caminho de ordem/desordem/organização, precedido pela disponibilidade em desconstruir antigas verdades, reconhecer aspectos antagônicos, caminhar pelo desconhecido, muitas vezes dificultoso e sofrido, para então vê-lo ser transformado e ressignificado.

Encontrar a negatividade interna pertencente à dualidade humana aparece como percurso cheio de atrativos para o não-enfrentamento. Para os participantes, a decisão de seguir em frente vem da confiança de que encontrarão novas partes de si mesmos esquecidas e negligenciadas e de que poderão vestir uma nova roupa, tecendo uma nova organização interna, que será refletida externamente.

Com isso, os resultados do trabalho do Pathwork demonstram ser duradouros e profundos, e as novas concepções são novas formas de ver e viver a vida. Esse processo acontece em todos os aspectos do ser humano – físico, emocional, mental/cognitivo, social e espiritual, de maneira não linear, mas simultaneamente, num movimento espiral recursivo. Ao olharmos a especificidade de cada aspecto, podemos encontrar, no aspecto mental, a compreensão intelectual pelo estudo do conteúdo teórico do Pathwork, por onde se inicia o processo de autoconhecimento. A partir desse entendimento de princípios ou conceitos, são realizadas vivências, dinâmicas e meditações com o objetivo de alcançar a dimensão emocional, de onde emergirão conteúdos (sentimentos, reações emocionais), muitos deles desconhecidos pelo sujeito,

que buscarão uma compreensão integrada com os demais aspectos: físico, mental, espiritual, social.

O aspecto físico é percebido como uma expressão dos demais. O corpo aparece como um depositário e ao mesmo tempo um termômetro das emoções. As transformações nesse nível são percebidas como consequência das transformações nos demais.

A dimensão social caracteriza-se pelo que acontece no grupo e pelo que transborda para fora dele nas relações sociais. É o que emerge do e no grupo, facilitando e contribuindo para o crescimento individual; assim, volta para o grupo, de maneira que se forma uma rede em constante movimento e reverberação. O processo de um indivíduo influencia os dos demais e é influenciado por eles, e as relações entre eles se colocam a serviço do processo de desenvolvimento pessoal, como espelhos das relações externas ao grupo. Essa rede que constitui o grupo também demonstra ser sustentada por um sentido espiritual que facilita a conexão entre os participantes e move o trabalho.

Alcançando o objetivo geral desse estudo, constatamos que a relação entre espiritualidade, desenvolvimento pessoal, e grupos de Pathwork dá-se a partir do que percebemos e identificamos como organizadores do Pathwork, que possibilita que o desenvolvimento pessoal aconteça: espiritualidade integral, autorresponsabilidade, aceitação e contato com a negatividade. O exercício desses organizadores dentro do grupo é o veículo para um profundo e consistente processo de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, o que repercute para fora desse grupo, em todas as relações do sujeito.

O aspecto espiritual é a base do trabalho do Pathwork e, apesar de aparecer como foco na descrição dos autores a respeito do Pathwork (Pierrakos e Saly, 2007; PIERRAKOS e D. THESENGA, 1997; S. THESENGA, 1997), no processo de desenvolvimento dos participantes, não é evidenciado em primeiro plano, diferentemente do que era nosso entendimento ao iniciar esse estudo. No entanto, a espiritualidade permeia com naturalidade as falas dos participantes e, ao mesmo tempo, leva-nos a considerar que, sem a sustentação desse aspecto, o desenvolvimento pessoal por meio do Pathwork simplesmente não acontece. E novamente remetemo-nos ao conceito de espiritualidade vivenciada, que permeia a experiência.

Dessa forma, este estudo permitiu-nos compreender a espiritualidade como, mais do que integrada, integradora dos demais aspectos da complexidade humana, pois ela impulsiona o aprendizado vivencial na própria experiência pessoal.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. Bispo de Hipona. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.
- ALVES, M. C. **Desde Dentro**: um olhar sobre a produção de saúde nos terreiros. 2010. Projeto de Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- ALVES, M.; SEMINOTTI, N. A. O pequeno grupo e o paradigma da complexidade em Edgar Morin. **Psicol. USP.**, São Paulo, 2006, v.17, n.2, p.113-133. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n2/v17n2a06.pdf>> .
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- BRENNAN, B. A. **Mãos de Luz**. São Paulo: Pensamento, 1987.
- CAPRA, F. **A Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CAVALCANTI, R. **O retorno do sagrado** – a reconciliação entre ciência e espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2000.
- _____. O retorno do conceito do sagrado na ciência. In: TEIXEIRA, E. F.; MÜLLER, M. C.; SILVA, J.D.T. (Org.) **Espiritualidade e Qualidade de vida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p.91-105.
- COSTA, et al. Qualidade de Vida e Bem Estar Espiritual em Universitários de Psicologia. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 249-255, abr. jun. 2008. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a07v13n2.pdf>> .
- COVEY, S.R. **Liderança Baseada em Princípios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.
- HAPPÉ, R. **Consciência é a Resposta**. São Paulo: Talento, 1997.
- MAGALHÃES, D. Manual da disciplina para indisciplinados. São Paulo: Saraiva, 2008.
- MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. **Método 1**. A natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- _____. **A cabeça bem feita** – repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. **Meu caminho**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PERES, J. F. P.; SIMÃO, M. J. P.; NASELLO, A. G. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v.34, n.1, p.136-145, 2007.

PERES, J. F. P., MOREIRA-ALMEIDA, A. Spirituality and Resilience in Trauma Victims. **Journal of Religion and Health**, n.46, p.343-350, 2009.

PIERRAKOS, E. **O Caminho da Auto-Transformação**. São Paulo: Cultrix, 1990.

_____. Contact with the life force. **Pathwork Guide Lecture**, n. 126. 1996a. Disponível em <<http://www.Pathwork.org/lectures/P126.PDF>> Acesso em: 23 jun. 2010.

_____. Duality Through Illusion – Transference. **Pathwork Guide Lecture**, n. 118. 1996b. Disponível em: <<http://www.Pathwork.org/lectures/P118.PDF>> . Acesso em: 23 jun. 2010.

_____. The Defense. **Pathwork Guide Lecture**, n. 101. 1996c. Disponível em: <<http://www.Pathwork.org/lectures/P101.PDF>> Acesso em: 23 jun. 2010.

_____. The Idealized Self-Image. **Pathwork Guide Lecture**, n. 83. 1996d. Disponível em: <<http://www.Pathwork.org/lectures/P083.PDF>> . Acesso em: 29 ago. 2011.

_____. Self-Knowledge: The great plan, the spirit world. **Pathwork Guide Lecture**, n. 11. 1996e. Disponível em: <<http://www.Pathwork.org/lectures/P011.PDF>> Acesso em: 21/06/2010.

_____. Spiritual and emotional health through restitution for realguilt. **Pathwork Guide Lecture**, n. 109. 1996f. Disponível em: <<http://www.Pathwork.org/lectures/P109.PDF>> . Acesso em: 23 jun.2010.

_____. What Is The Path?. **Pathwork Guide Lecture**, n. 204. 1996g. Disponível em: <<http://www.Pathwork.org/lectures/P204.PDF>> . Acesso em: 21 jun. 2010.

_____. Spiritual Nourishment – Willpower. **Pathwork Guide Lecture**, n. 16. 1996h. Disponível em: <<http://www.Pathwork.org/lectures/P016.PDF>>. Acesso em: 07 set. 2011.

PIERRAKOS, E.; SALY, J. **Criando União**. O significado espiritual dos relacionamentos. São Paulo: Cultrix, 2007.

PIERRAKOS, E.; THESENGA, D. **Entrega ao Deus interior**. O Pathwork no nível da alma. São Paulo: Cultrix, 1997.

ROTMIL, C. **Entrevista com eva pierrakos**. Disponível em: <<http://www.pathworksp.com.br/path/index.php/news/pathwork/20061130/33>>. Acesso em: 21 maio 2010.

SOLOMON, R. C. **Espiritualidade para céticos**. Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

STONE, J. D. **Psicologia da Alma**. Chaves para ascensão. São Paulo: Pensamento, 1994.

THESENGA, S. **O Eu sem defesas** - O Método Pathwork para viver uma espiritualidade integral. São Paulo: Cultrix, 1997.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2003.

WILBER, K. **Psicologia Integral**: Consciência, Espírito, Psicologia, Terapia. São Paulo, Cultrix, 2002.

_____. **Espiritualidade Integral**: Uma nova função para a religião neste início de milênio. São Paulo: Aleph, 2007.

YIN, R.K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Recebido em 20/03/2013
Versão final reapresentada em 26/04/2013
Aprovado em 30/08/2013